

## PASSO DA PÁTRIA

## (Operação anfíbia)

C.M.G. DIOGO BORGES FORTES,

Da Escola de Guerra Naval e Escola de Estado-Maior do Exército

(Palestra de abertura dos trabalhos do 3º período de instrução da E.E.M., em 1949)

Cada guerra traz consigo a particularidade da criação de um certo número de *modas*, que são, ora teorias estratégico-táticas, ora revolucionárias novidades, produto do aperfeiçoamento técnico dos meios, originando termos, denominações, expressões, que, nascidas nas linhas de frente, em pouco se vulgarizam, invadem os meios civis, e sob essa roupagem oral, são logo consagradas como conquistas da arte da guerra, realizadas na campanha que se desenrola ou vem de ter fim.

Seriam supérfluas quaisquer tentativas de demonstração dessa assertiva; os fatos aí estão presentes, corroborando tal conceito. A guerra russo-japonesa vulgarizou o conhecimento do torpedo; a de 14/18 popularizou o carro de combate, o submarino, o dirigível e o avião; a revolução espanhola contribuiu com a 5ª coluna.

A 2ª conflagração mundial, talvez devido ao aperfeiçoamento e fartura dos meios de comunicações e propaganda, hoje à disposição dos homens e das nações, enriqueceu o vocabulário civil e militar, ampliou a cultura superficial do "homem da rua" de múltiplos "conhecimentos" técnicos, divulgou "novidades" guerreiras quase inconcebíveis. Imprensa, rádio e cinema levaram ao conhecimento do público, as proezas dos para-quedistas,

a bravura dos "comandos" multidões tremeram ao verem projetados nas telas luminosas, os ataques com "bazucas" ou com lançadoras, o efeito impressionante das bombas incendiárias arremessadas por aviões; e um frisson terrível sacudiu o mundo ao receber a notícia do emprêgo da bomba atômica e saber de seus terríveis efeitos, ao conhecer, através de farta documentação fotográfica, sua impressionante deflagração e apocalíptica ação destruidora.

Refirimo-nos à cultura superficial do "homem da rua", sem qualquer intuito pejorativo. A vertiginosidade da vida atual, efetivamente, não nos permite adquirir mais do que conhecimentos gerais, por vezes vagos, dos meios que o progresso científico e industrial vai pondo à disposição do homem. E vamos aceitando essas cousas novas, delas procurando tirar todo o proveito, sem tempo para indagar da sua real "atualidade".

Entretanto, cerca de mil anos antes de Cristo, o sábio rei Salomão já nos advertira:

"Não há nada de novo debaixo do sol".

Realmente, qualquer curioso que compulse as páginas da história militar, encontrará com a maior facilidade os ancestrais do submarino, do carro de combate, do



avião, da 5ª coluna, do torpedo e da bazuca. Surpreso, tal investigador irá encontrar muitas das armas ultra-modernas, conhecidas e empregadas pelos gregos e cartagineses, persas e romanos, egípcios e chineses, nos albos da nossa chamada "civilização".

É flagrante a identidade de emprego do cavalo de Tróia e da 5ª coluna hodierna; as escadas rolantes que permitiram o assalto às muralhas dos castelos medievais e cidades fortificadas, foram, os precursores dos carros de combate; as catapultas dos macedônios, armam os cruzadores e encouraçados modernos; os lança-chamas e a gelatina incendiária são a réplica do fogo grego, de composição até hoje desconhecida.

É mero truismo dizer que a história se repete indefinidamente...

\* \*

E as "operações anfíbias", essas tão rumorosas expedições que propiciaram a invasão da fortaleza europeia e a ocupação e eliminação do cordão de ilhas, que constituía o perímetro defensivo idealizado e executado pela estratégia japonesa? Não conteriam elas alguma coisa de realmente novo na ciência da guerra? Uma técnica especial fora desenvolvida por americanos e ingleses para a conquista de seus objetivos militares. Desde logo, abundantes tratados, extensos e dogmáticos, foram escritos; escolas especiais foram criadas, imediatamente desdobradas em centro de subespecialização... As corporações armadas se congregaram; romperam a compartimentagem que as separava; surgiram os estados-maiores-conjuntos; para o estudo de nova técnica, permutaram instrutores as academias militares de altos-estudos... Parecia que realmente tinha surgido a verdadeira novidade revolucionária, que iria abalar, em seus alicerces, a tradicional organização das forças armadas. Espíritos mais ousados lançaram o neologismo "trifíbio" para tornar mais vivas, mais flagrantemente, mais palpáveis as exigên-

cias técnicas da nova concepção militar.

Analisemos, porém, com espírito imparcial, sem paixão, e à luz da história, essa técnica, esse conceito, vulgarizado pela última guerra.

\* \*

Que é uma operação anfíbia?  
Assim a podemos definir:

"operação envolvendo o emprego coordenado de forças militares e navais, enviadas por mar, para um desembarque à viva força numa costa hostil".

Esta definição abrange toda a gama de propósitos que podem conduzir a uma operação de tal natureza.

Ela se aplica:

- 1) à demonstração, isto é, mera exibição de força visando inquietar o inimigo ou desviá-lo de uma ação principal, montada, porém, de forma a dar ao inimigo a impressão de um ataque de vulto ponderável;
- 2) à incursão, ou raid, sob forma de golpe de mão, visando à destruição de estabelecimentos militares ou colheita de informações;
- 3) à ocupação de uma posição, conquista e manutenção de uma área destinada a ulterior utilização;
- 4) à invasão, ampliação da operação anterior, efetuada em grande vulto, implicando em operações continuadas e de grande duração contra um inimigo combativo.

Para a execução de qualquer dessas modalidades é a operação dividida em fases, em número e de denominação variável. Podemos, entretanto, distinguir, sempre, três grandes etapas: a preparação, a execução, e a consolidação; desdobradas, a primeira, em planejamento, concentração e treinamento especializado; e a segunda em: embarque, viagem e desembarque.



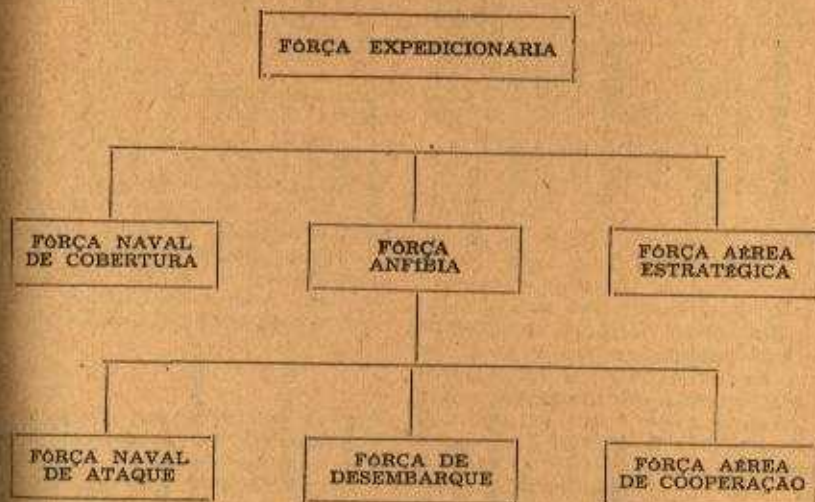


O segredo do sucesso de uma operação anfíbia está na íntima e perfeita coordenação dos elementos navais, terrestres e aéreos que a vão realizar, o que impõe a existência de um comando único.

Se fôsse possível criar uma rígida organização-padrão para constituir-se, sempre que necessário, uma força anfíbia, teríamos atingido a um verdadeiro ideal. Isso é evidentemente, difícil, porque

cada desembarque à viva força, que seja tentado em território defendido pelo inimigo, apresentará características peculiares, que não poderão deixar de ser atendidos, refletindo-se na dosagem dos meios (composição das forças) e na organização dos comandos.

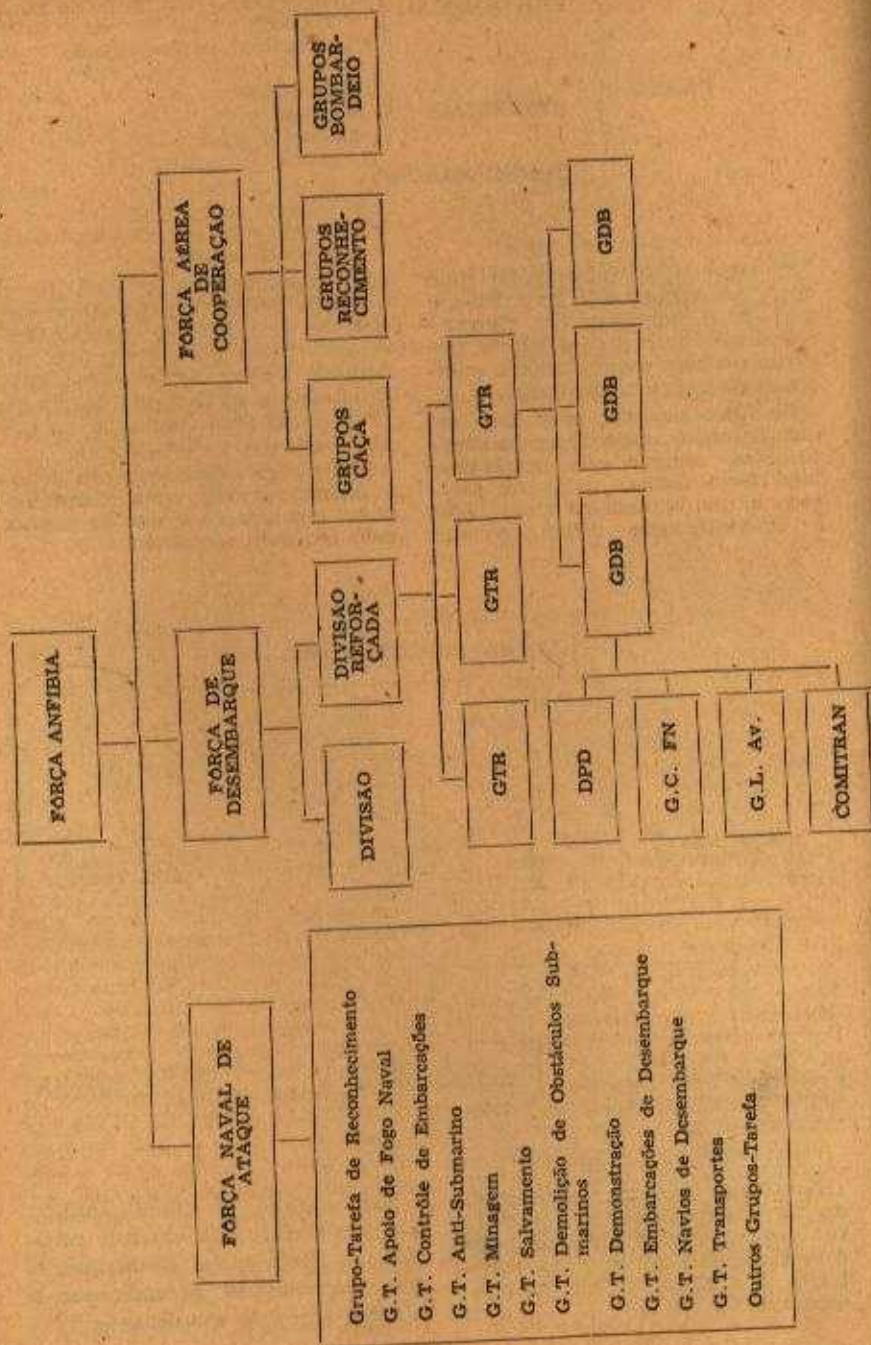
Há, porém, como que um denominador comum, uma constante nessa organização e que se traduz pelo esquema seguinte:



No escalão superior, um comando de força expedicionária, tendo à sua disposição uma força naval de cobertura, uma força aérea estratégica e a força anfíbia propriamente dita;

Esta última, a força anfíbia, também desdobrada em três escalões: a força naval de ataque, a força terrestre de desembarque e a força aérea de coordenação.

## CONSTITUIÇÃO DE UMA FORÇA ANFÍBIA





A *fôrça naval de ataque* é constituída por diferentes grupos-tarefa, a cada um atribuída uma missão específica, indicada pela sua própria denominação.

Tais são os

Grupos-tarefa

Reconhecimento  
 apoio de fogo naval  
 contróle de embarcações,  
 anti-submarino  
 minagem  
 salvamento (de homens, material e embarcações)  
 demolição de obstáculos submarinos  
 demonstração  
 embarcações de desembarque  
 navios de desembarque  
 transportes, etc.

A *fôrça de desembarque* tem como núcleo principal a divisão reforçada, constituída por grupamentos táticos (regimentais) de batalhões de desembarque, e complementada por destacamentos mistos denominados "destacamentos de praia de desembarque" (engenharia e marinha), companhia mista de transmissões (idem), grupo de contróle de fogo naval (exército e marinha), grupo de ligação de aviação, etc., etc.

A *avição de cooperação* ou é um grupo-tarefa da *fôrça naval*, quando transportada em navios aeródromos, caso normal nas operações a longa distância, ou constitui comando independente, quando com base em terra; em sua composição devem figurar unidades de reconhecimento, caça e bombardeio, para cumprimento das missões usualmente atribuídas à *fôrça aérea*.

\* \*

Esboçada nestes termos a operação anfíbia, somos inclinados a crer que realmente estamos em presença de uma nova técnica, nascida e aperfeiçoada na última guerra.

Abramos, porém, as páginas da história.

Veremos, desde logo, que as marinhas se originaram da necessidade de fazer os exércitos transportem os obstáculos líquidos que se opunham à sua progressão, do desejo dos grandes capitães de le-

var a guerra ao território inimigo, do qual, entretanto se viam separados pelo mar. Os primeiros navios de guerra tinham tripulação civil, sendo sua guarnição militar constituída por elementos combatentes terrestres. Da fusão de uns e outros, do enquadramento do "embarcadiço" em um organismo militar, surgiu o "marinheiro". Persistiu, porém, como reminiscência desse período remoto, o "fuzileiro naval", não reliquia histórica, mantido a bordo dos navios por fidelidade à tradição, mas parte integrante de suas guarnições, pronto sempre a ocupar sua posição na vanguarda das forças de assalto a um território hostil.

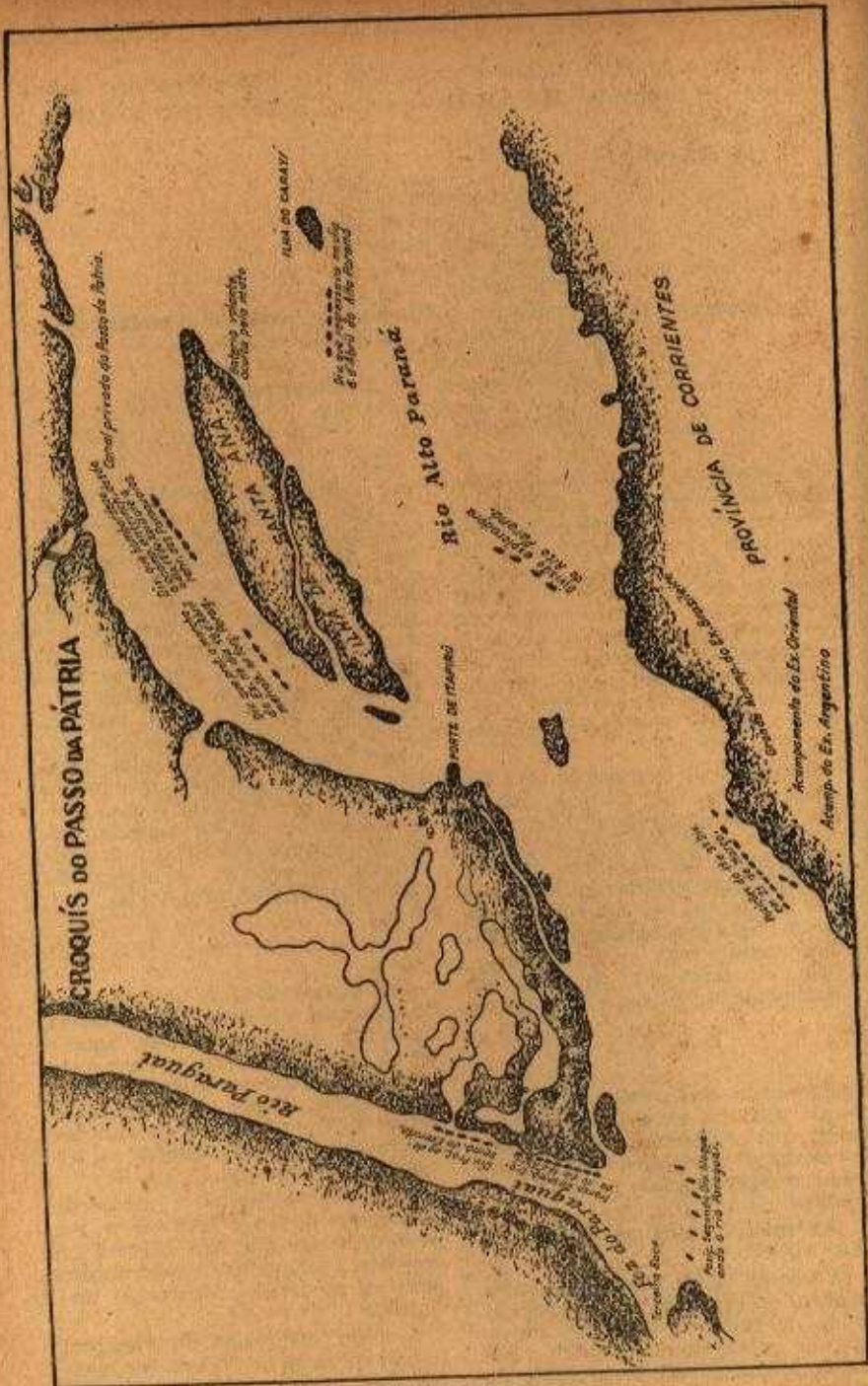
\* \*

Em quase tôdas as guerras, que se seguiram a criação das marinhas militares, vamos encontrar, batendo-se ombro a ombro, o homem do mar e seu irmão do exército, cada um na sua órbita de atribuições funcionais realizando "operações combinadas", denominação que veio até nossos dias.

Seu planejamento e execução obedeciam a uma técnica, a um processamento que não diferem em essência, daqueles preconizados para as modernas "operações anfíbias".

A longa campanha do Paraguai é uma sucessão de "operações combinadas", marchando os exércitos invasores ao longo das linhas flu-





CROQUI DO PASSO DA PÁTRIA

Canal privado do Passo da Pátria.

Ilha de Santa Ana  
Ilha de Itaipu  
Ilha de Cabait

Rio Alto Paraná

PROVINCIA DE CORRIENTES

Acompañamiento do Ex. Oriental  
Acamp. do Ex. Argentino

Rio Paraguai

Ilha de Itaipu  
Ilha de Cabait  
Ilha de Santa Ana



ciais, apoiados pelos canhões da Esquadra, mantidos, logisticamente, pelos comboios marítimos.

\* \*

A operação anfíbia é, essencialmente, uma operação de "força dominadora", o que, na tecnologia naval, significa: operação que só pode ser executada, com sucesso, por força que previamente tenha conquistado o domínio do mar (e, obviamente, a superioridade aérea), na área do objetivo.

A batalha de Riachuelo dera às armas aliadas a posse desse domínio, e, com isso, a liberdade do uso do mar e das vias fluviais, que iria permitir atacar Lopez em seus redutos.

Esse é o grande significado estratégico da vitória alcançada por Barroso, nunca sendo demasiado encarecer a sua importância. Tivesse o comodoro Meza vencido a Esquadra imperial, a 11 de junho, a guerra da triplíce aliança teria tomado feição inteiramente diversa, de conseqüências inimagináveis.

Sim, porque os paraguaios não eram marinheiros inexperientes, sabiam utilizar a sua esquadra, conheciam a arte da guerra naval e a valor do domínio das águas; as invasões de Mato Grosso, de Corrientes e do Rio Grande do Sul foram possíveis, tiveram sucesso, pelo hábil emprêgo de suas forças navais, utilizando bem, a posse incontestada e incontestada do Paraná, em bem conduzidas operações combinadas.

O plano traçado por Meza para eliminar a esquadra de Barroso, à sombra da bateria de Bruguez, fôra muito bem concebido; tivesse podido ser integralmente realizado, tudo indica que os brasileiros teriam sido surpreendidos, e a vitória talvez coroasse a outro herói...

A partir, porém, do instante, em que a Esquadra capitaneada pela tagata Amazonas anulava o poder naval de Lopez, estava encerrada a fase ofensiva da guerra desencadeada pelo Ditador, e eram seus exércitos compelidos ao retraimento, à procura de posições defensivas.

Duarte era esmagado em Jataí, Estigarribia rendia-se em Uruguaiana, e Resquin abandonava Corrientes. A par disso, conquistavam os aliados liberdade de ação para empreenderem a invasão do território guarani, pois os navios sobreviventes da jornada de 11 de junho, nada mais poderiam fazer, a não ser limitadas ações de inquietação, golpes de mão, sem repercussões profundas.

Marca o início desta segunda fase da guerra, uma operação, que hoje seria chamada de anfíbia: a passagem do Paraná pelos exércitos aliados e ocupação de Passo da Pátria.

Revivamos esta bela página, estudando-a sob o prisma da moderna terminologia.

\* \*

#### PRIMEIRA FASE: A PREPARAÇÃO

Em fins de dezembro de 1865, reunidos os exércitos aliados a leste de Corrientes e ao sul das Três Bôcas, é tomada pelo Conselho dos Generais, a decisão da invasão do território paraguaio.

Iniciam-se logo o planejamento e os preparativos da operação.

A primeira reunião dos chefes militares tem lugar a 25 de fevereiro de 1866, quatro dias depois da chegada de Tamandaré a Corrientes.

No Quartel-general de Mitre, reúnem-se-lhe Flores, Osório e Tamandaré. O generalíssimo argentino declara inicialmente que ao Almirante cabe a iniciativa do plano a adotar, visto ser a esquadra o principal apóio das próximas operações.

Sábia decisão. Representa de fato a investidura do comando da operação que se esboça, ao comandante naval, exatamente como se procederá oitenta anos mais tarde...

A resposta de Tamandaré é digna de nota: diz que tem em mãos todos os meios para destruir, por água, as fortificações inimigas desde Passo da Pátria até Assunção, mas que convém estabelecer um plano pelo qual a esquadra e



o exército se coadjuvem reciprocamente.

Firma, incisivamente, o princípio de que a invasão em estudo não pode ser realizada unicamente pela marinha, e que o único meio capaz de cumprir o propósito visado é pelo "emprego coordenado de forças navais e terrestres". É a lição da guerra de secessão americana, é a sua doutrina, pura, esclarecida a se impor pela voz de Tamarandé. Aceita a investidura do comando, mas fixa, peremptoriamente, a natureza da operação a ser realizada. Seu ponto de vista é implicitamente aceito por todos, tanto que passam imediatamente a debater a escolha de uma "posição na margem direita do Paraná e no flanco do exército inimigo" onde se possa, com segurança efetuar o desembarque das forças aliadas.

Assenta-se a realização, pela esquadra, do reconhecimento do Paraná, acima de Três Bócas, para escolha de tal local, e decide-se finalmente que "depois de operada a invasão, o exército procuraria bater o inimigo onde se encontrasse, enquanto a esquadra se ocuparia em destruir as fortificações da margem direita do Paraná e esquerda do Paraguai até Assunção".

Profieua, sob todos os pontos de vista, essa histórica reunião, que em nada difere daquelas realizadas entre 1942 e 1946, para o estabelecimento do planejamento de uma operação anfíbia.

Com efeito, ao se separarem os chefes aliados, haviam firmado uma idéia de manobra, e estavam, por conseguinte, aptos a formularem "missões" para que os comandos subordinados, realizassem seu planejamento e baixassem as necessárias ordens operativas.

Em termos de hoje, havia sido decidido :

- a) a realização de uma operação anfíbia, do tipo "invasão";
- b) a região de Corrientes seria a "área de montagem";

- c) a escolha do local do desembarque ficaria condicionado aos reconhecimentos a serem realizados pelas forças navais.

\* \*

Desde logo prosseguem febrilmente os preparativos para a tomada da ofensiva estratégica, há muito desejada.

Em Corrientes, Osório, secundado pela comissão de engenheiros que tem como chefe o Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho, já iniciara a concentração dos meios. Empenha-se por obter "balsas com pontes levadiças que sirvam de prancha para o embarque e desembarque de artilharia e animais, ou quando menos, comprar-se embarcações pequenas, tirar-se-lhes a proa, pôpa e convés, e colocar-se-lhes, assoalhos no fundo e as pontes-pranchas". Dizei-me, senhores, onde a diferença entre essas embarcações preconizadas por Osório e as modernas Eds, com suas rampas para desembarque de veículos e canhões? É realmente, mínima...

O trabalho prossegue, sob a incansável direção de José Carlos de Carvalho, reunindo canoas, batelões, balsas para a artilharia, carretas e cavalaria, remos, ancorotes, cabos de diversas bitolas, pranchões de pinho, etc., etc. A oficina de cartuchame montada em Corrientes, sob a direção do Ten. Américo de Vasconcelos, produz, às centenas de milhares, cartuchos para infantaria e cavalaria e para pistolas; o fabrico de cápsulas fulminantes excede de um milhão...

Tropas frescas vão chegando continuamente e sendo distribuídas pelos acampamentos, cuja área cresce, dia a dia. Em março de 1866 seus efetivos já excedem de 60.000 homens.

O único problema sério é o do abastecimento dessa numerosíssima tropa, lutando com maiores dificuldades as tropas de Mitre. O retardamento da data da invasão, — é hoje ponto pacífico, — ocorreu principalmente pelas difi-



cidades com que se defrontou o serviço de intendência das tropas. Tal é o panorama na base de montagem do Exército.

Vejam agora o que se passa na Esquadra.

A 17 de março (1866) deixam as forças de Tamandaré o pórtio de Corrientes. São elas constituídas por 4 encouraçados, 13 canhoneiras, 5 avisos e 5 transportes de guerra, montando 110 bôcas de fogo e guarnecidos por 3.510 homens. Acrescentem-se mais 7 vapores afretados; são os navios que trazem abastecimentos para as forças aliadas, e que Tamandaré, prudentemente, retém para auxiliarem o transbordo do Exército.

Existem mais 5 pequenos vapores argentinos, sob o comando de Muratori, os quais, entretanto, pelas suas características, têm reduzida atuação.

A 20 de março a esquadra atinge a confluência do Paraná e Paraguai, interceptando tôdas as comunicações do inimigo entre os dois rios, e fazendo cessar as incursões que, até então, vinham sendo realizadas pelos vapores "25 de Maio", "Iguaré" e "Gualeguai", remanescentes da esquadra de López.

\* \*

Para cumprimento da missão inicial, que fôra atribuída à Esquadra, "reconhecimentos no Paraná, para escolha do ponto de desembarque", grupos-tarefa são imediatamente constituídos.

A 21 de março o 1º grupo composto pelo Enc. "Tamandaré" e canhoneiras "Araguari" e "Henrique Martins", explora os passos do Alto Paraná até Itati; nesse grupo embarca a comissão de hidrografos (Silveira da Mota, Hoonholtz e Cunha Couto) incumbida de proceder ao levantamento, sondagem e delimitação de canais de acesso no rio.

Dois dias depois, novo reconhecimento é feito pela "Beberibe" e "Henrique Martins", apoiadas ainda pelo "Tamandaré" até o passo do Iaguari. A 27, o própio general Flores chefia uma expedição sôbre Itati com um "gru-

po-tarefa" constituído pela "Henrique Martins", e navios argentinos "Chacabuco" e "Buenos Aires".

Ainda dois outros reconhecimentos são feitos: um, às vésperas da data da passagem, efetuado por um grupamento constituído por dois navios argentinos e três brasileiros, sob a direção do general Hornos, e levando força de desembarque; outro a 15 de abril, sob o comando do Cte. Mamede da Silva, que explora a barranca do Paraguai até Atajo, visando o reconhecimento da barranca da margem esquerda dêsse rio.

Observe-se a constituição dos primeiros grupos: um navio fortemente artilhado e protegido, o "Tamandaré", servindo de apoio a canhoneiras, navios mais rápidos, mais manobráveis e de menor calado, porém mais fracos quer defensiva, quer ofensivamente.

Esse apoio é necessário porque o inimigo, conhece a boa doutrina ainda hoje preconizada: tendo perdido o domínio das águas, contesta, entretanto, o seu exercício pelos aliados, hostilizando-os continuamente, não só com os fogos do forte de Itapiru, que domina a posição, como com "chatas artilhadas".

Sensíveis danos são causados aos nossos pequenos navios e vidas preciosas ceifadas, como a de Mariz e Barros, o valoroso comandante do "Tamandaré".

Esse período ficará assinalado na história com o nome de "Guerra das Chatas".

Causará estranheza, talvez, tantos reconhecimentos em tão pequena área. Encontramos, entretanto, nos livros de hoje, que expõe a técnica das operações anfíbias, explicação para tal atitude.

Um dos pontos delicados no planejamento de uma operação visando o desembarque à viva força em território inimigo, é a escolha definitiva do local de desembarque. Aí se manifesta em tôda a plenitude a necessidade da perfeita ordenação da Marinha e Exército. Uma praia ótima para a Esquadra pode ser de nenhum valor para a



penetração das forças terrestres; reciprocamente, a praia de características ideais para a progressão do exército, pode ser inabordável pela Marinha.

É preciso procurar-se uma solução de compromisso, um meio termo que satisfaça a ambos os comandos.

A linha de praia marca realmente o limite onde termina a missão da Marinha e se inicia o cumprimento da missão do Exército. Essa escolha é bem o ponto crítico da operação anfíbia, e dela dependerá o sucesso ou o fracasso do empreendimento.

A conferência dos Comandantes em Chefe, para a escolha do ponto de passagem, realizara-se no dia 22 de março, a bordo do "Apa", capitânea da Esquadra. O Almt. Tamarandé opinara pelo Passo da Pátria "porque o exército tem nessa posição todo o apoio da esquadra". Com ele votara o general Flores. Mitre e Osório, porém, inclinavam-se por Itati, "para evitar o objetivo de Humaitá".

Em consequência dos numerosos reconhecimentos realizados até esta data e os que se efetuam a seguir, alguns dirigidos, em pessoa, por Mitre e Tamarandé, fica demonstrada a inconveniência de Itati, e firmado que, ao invés de ser o desembarque na *margem direita do Paraná*, como aventado em 25 de fevereiro, sê-lo-á na *margem esquerda do Paraguai*, em uma baranca abaixo do Atajo, reconhecida como o melhor ponto para o desembarque. Era vitoriosa a anterior sugestão do 1º Tte. Francisco José de Freitas, Cmt. da canhoneira "Ipiranga". Será interessante notar que a escolha desse ponto, entretanto, só foi assentada na *véspera* da passagem do Paraná, isto é, a 15 de abril...

\* \*

Estudando-se a operação, hoje clássica, realizada pelas forças navais, terrestres e aéreas dos Estados Unidos, para a conquista de Okinawa, deparamos a ocupação prévia da ilha de Kerama Reto, com o fim de dar maior liberdade de

ação aos grupamentos anfíbios, e proporcionar apoio de fogo de artilharia terrestre ao assalto ao objetivo principal.

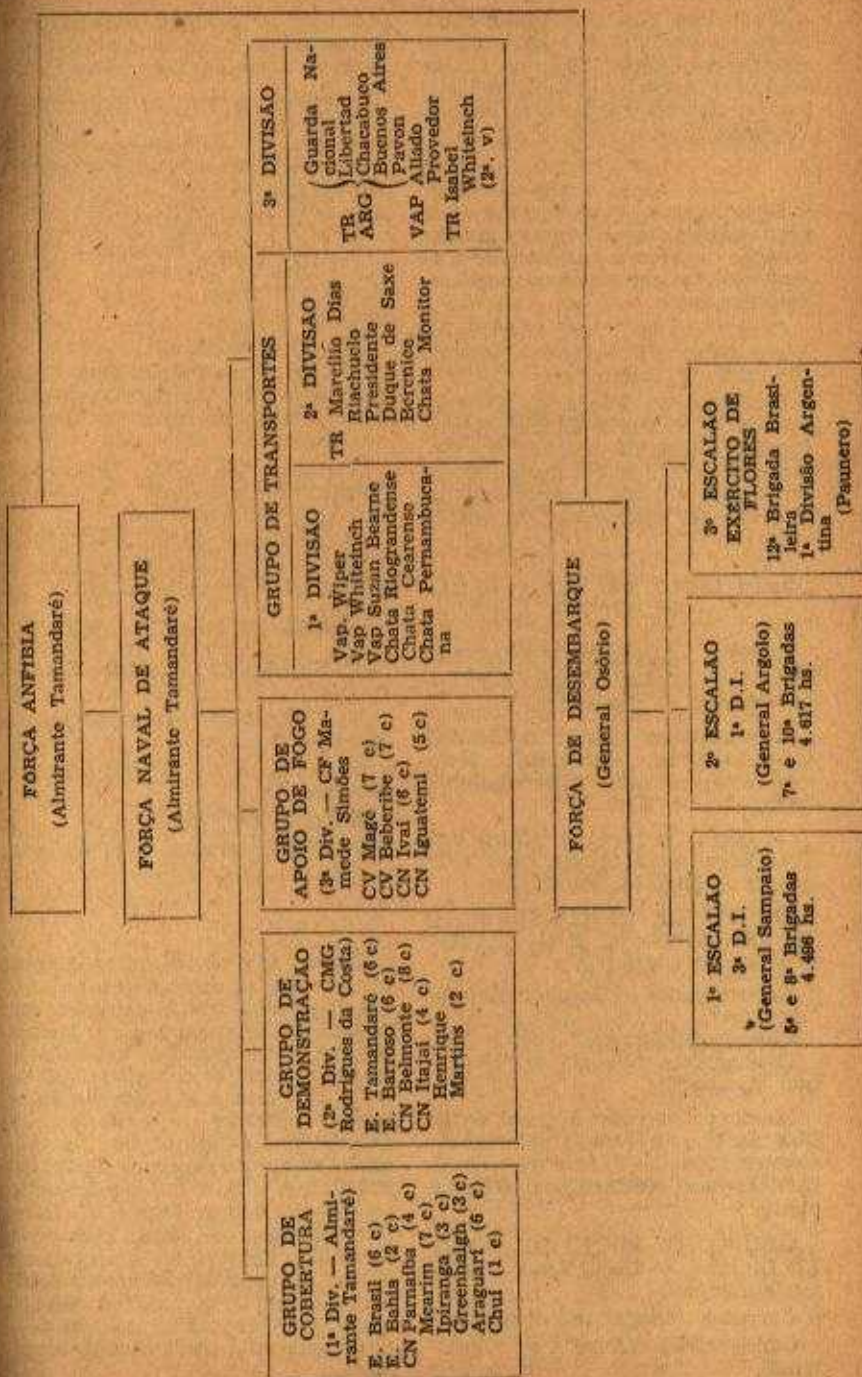
Igual decisão vamos encontrar no episódio que estamos estudando, decisão que bem poderia ter inspirado os norte-americanos. Para "contrabater a artilharia inimiga com tiros de canhões de campanha das tropas aliadas", José Carlos de Carvalho propõe, e Osório aceita, a instalação de uma bateria em Corrales (28 de março) e a ocupação da ilha da Redenção (5:6 de abril). No Paraguai, como no Pacífico, custou caro tal ocupação; pela sua posse batem-se, no dia 10, escarniçadamente os paraguaios, transportados em canoas, e a guarnição sob o comando da Willagran Cabrita apoiada pelas canhoneiras "Henrique Martins", "Greenhalgh" e "Chuf". Perece o chefe brasileiro a ocupação da ilha, porém é mantida. Combate rápido, mas terrível, em que, mais uma vez, se mistura o sangue dos soldados e marinheiros imperiais na defesa de seu pavilhão.

\* \*

Antes de iniciarmos o estudo da 2ª fase, vejamos as consequências felizes da longa preparação que o desconhecimento do terreno impôs aos aliados.

A contínua movimentação do que chamamos "grupos de reconhecimento", ora na direção de Itati, ora nas vizinhanças de Itapiru e Ilha de Santana, o estabelecimento da bateria de Corrales, a ocupação da ilha do Cabrita (nome que fôra dada à da Redenção), e, quem sabe, se mesmo o conhecimento da decisão inicial dos generais aliados, de que o desembarque seria efetuado na *margem direita do Paraná*, levado a Lopez pelos espiões traidores que mantinha, firmaram no Ditador a convicção de que o assalto aliado se realizaria naquele ponto levando-o a deixar praticamente desguarnecidas as margens do Paraguai. Essa impressão, aliás seria corroborada ao se movimentar a "força anfíbia" simulando investir para o Paraná, como veremos daqui a pouco.







Tudo isso virá proporcionar aos aliados a inestimável e sempre procurada vantagem de uma quase completa surpresa tática, asseguradora do integral sucesso do empreendimento.

\* \*

Examinemos, outrossim, qual a organização dos diferentes grupamentos da "fôrça anfíbia" de Tamandaré, tal como seriam hoje denominados:

Comando da Fôrça Anfíbia e Fôrça Naval de Ataque — Alnte. Visconde de Tamandaré.

Comando da Fôrça de Desembarque — General Osório (nome firmado depois de mais um dos desentendimentos que surgiam entre os Chefes aliados, sempre que se tratava de operações de maior vulto).

#### ORGANIZAÇÃO DA FÔRÇA NAVAL DE ATAQUE

GRUPO DE COBERTURA (1ª Divisão) — Alnte. Tamandaré — (Capitânea — "Ipiranga"):

Encouraçados "Brasil" e "Bahia" Canhoneiras "Parnaíba", "Meirim", "Ipiranga", "Greenhalgh", "Araguari" e "Chuí".

Missão: "pairar na altura das Três Bôcas para apoiar, quer a 2ª quer a 3ª Divisão Naval.

GRUPO DE DEMONSTRAÇÃO (2ª Divisão) — C.M.G. J. Rodrigues da Costa:

Encouraçados "Tamandaré" e "Barroso".  
Corveta "Belmonte".  
Canhoneiras "Itajaí" e "Henrique Martins".

Missão: "investir o canal entre ilha Santana e campo entrincheirado do Passo da Pátria, para bombardear as fortificações deste ponto."

GRUPO DE APOIO DE FOGO (3ª Divisão) — Cap. Tenente Mamede Simões:

Corvetas "Magé" e "Beberibe"  
Canhoneiras "Aval" e "Igualtemi".

Missão: "escortar o comboio e bombardear a costa do Paraguai logo ao norte de Três Bôcas".

#### GRUPO DE TRANSPORTES:

1ª Divisão — Vapores "Wiper", "White-inch" e "Suzan Bearne".

Chatas: "Riograndense", "Cearense" e "Pernambucana".

2ª Divisão — Transportes "Marcelino Dias", "Riachuelo", "Presidente", "Duque de Saxe" e "Benedito".

Chata — "Monitor".

3ª Divisão — Transportes "Guardia Nacional", "Libertad", "Chacabuco", "Buenos Aires" e "Pavon" (argentinos).

Vapores "Aliado", "Provedor", Transportes "Isabel" e "White-inch" (2ª viagem).

— A disposição do comando do Exército os Avisos "Voluntários da Pátria" e "General Osório".

#### FÔRÇA DE DESEMBARQUE:

1º ESCALÃO: Divisão General Sampaio (3ª).

2º ESCALÃO: Divisão General Argolo (1ª).

3º ESCALÃO: 12ª Brigada brasileira.

Exército de Flores.

1ª Divisão argentina (Paunero).

\* \*

Como se vê o planejamento considerado se estendera a todos os detalhes, de forma a garantir, com segurança, o embarque e o desembarque das grandes unidades a quem caberia a conquista da cabeça de praia e sua ampliação, e, assim, permitir a passagem do grosso do exército de invasão, então composto de cerca de 38.000 brasileiros (1º corpo de Exército, sob o comando de Osório), o exército argentino de Mitre, com cerca de 25.000 homens e o oriental, sob Flores, com aproximadamente 3.000 homens, isto é, ao todo 66.000 homens de todas as armas, e, portanto, onerados por vultosa impedimenta.



Para isso, estavam à disposição do comando da Esquadra, além dos transportes e vapores anteriormente citados, mais o "Galgo" e o "Urugual", além de inúmeras chatas, balsas, pontões e canoas, que, como vimos, haviam sido adrede preparadas pela Comissão de Engenheiros do Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho.

Fixado definitivamente o ponto de desembarque, no dia 15 de abril, está encerrada a primeira fase da operação, e ordens são dadas para, nesse mesmo dia iniciar-se o embarque das tropas.

#### SEGUNDA FASE: A EXECUÇÃO

O embarque — Ao anoitecer de 15 de abril realiza-se a bordo do capitânia, o "Aps", a reunião dos comandantes das divisões e dos transportes, para Tamandaré dar-lhes as últimas instruções sobre as posições que devem ocupar a fim de proteger o desembarque, e aos dos transportes sobre a ordem em que devem atracar para receberem os contingentes, a formatura e distâncias que deverão guardar, seguindo a manobra que lhes indicará um "aviso de guerra que lhes servirá de guia".

Ao Capitão de Mar e Guerra Torres e Alvim e ao Coronel Carvalho é confiada a direção do serviço de embarque e desembarque.

Quatro pontes para o embarque haviam sido escolhidas em lugares de profundidade conveniente para a atracação dos transportes e que não fossem vistos da margem inimiga: uma fixa, de estacadas, duas de balsas sobre canoas e uma feita em uma ponta de terra ligada a uma balsa.

O 1º escalão começa a embarcar às 8 horas da tarde de 15, na 1ª divisão de transportes.

No "Wiper" embarcam 1.300 homens; é reboca a chata "Rio-grandense" com 71 cavalos e 4 canoas, duas com 50 praças de engenharia e duas com ferramentas.

O "White-inch" recebe 1.300 homens; reboca a chata "Cearense" com munição de artilharia e infantaria e duas canoas com o "contingente do batalhão de engenheiros".

Notai, senhores, este detalhe: tais elementos de engenharia nada mais são que o organismo, em termos atuais, denominado "destacamento de praia de desembarque".

Finalmente no "Suzan Bearné" embarcam 1.460 praças: a chata "Pernambucana", que completa este grupo, leva artilharia (8 bôças de fogo) e duas canoas com a munição.

Antes de 11 horas da noite já tinha desatracado a 1ª divisão de transportes, o que indica claramente a perfeição com que fôra tudo preparado. A 2ª Divisão atraca logo após, começando à meia noite o embarque do segundo escalão, com um efetivo de 4.414 praças; a cavahada vai na chata Monitor (40 cavalos); o "destacamento de praia" (50 sapadores) e ferramentas segue em 4 canoas.

O General Osório e seu Estado-Maior embarcam às 8 horas da manhã de 16, no navio de seu nome, tendo uma hora antes se iniciado o embarque do 3º escalão nos navios da 3ª divisão de transportes.

A viagem — Ao romper do dia 16, os dois primeiros grupamentos da força naval de ataque ocupam as posições que lhes tinham sido designadas e iniciam, em toda a linha, o bombardeio, coadjuvados pelas baterias da ilha do Cabrita.

Às 08,30 h os transportes suspendem ferro, protegidos pelo "grupo de apoio de fogo", isto é, a divisão naval de Mamede.

O plano é o seguinte: "enquanto as divisões 1ª e 2ª da esquadra bombardeiam a margem direita do Paraná, muito especialmente as vizinhanças do forte de Itapiru, de modo a atrair a atenção do inimigo para aquele setor, os transportes avançarão como se intentassem lançar em suas margens a tropa de desembarque; ao chegarem, porém, a meio canal, guinarão águas abaixo e, uma vez ganha a embo-



cadura do Paraguai, por êle subbirão, protegidos pela 3ª divisão, indo parar a meia légua acima de sua embocadura, onde começarão a desembarcar as tropas."

Já dissemos que êsse plano, surpreendendo por completo os paraguaios, certos de que o desembarque se faria nas vizinhanças de Itapiru, estava fadado a completo sucesso, se integralmente executado, como o foi.

• •

O desembarque — Cêrca de 9 horas, balsas atracam à terra e pontes de canoas ligam-nas aos navios, iniciando logo o desembarque sob a direção do C.M.G. Alvim.

O primeiro a saltar em território inimigo é o General Osório; seguem-se seu estado-maior e piquete de guardas, e, em "primeira vaga do assalto" como se diria hoje, um GDB, constituído por duas companhias do 2º batalhão de voluntários e uma do 11º, dirigidas por Deodoro da Fonseca. Sucedem-se as outras vagas, avolumando êsse pequeno núcleo, embora, encontrando alguma resistência, logo esmagada.

Antes de terminar o dia estão em terra as duas divisões brasileiras. Às 5 horas da tarde, a 3ª divisão de transportes já ocupa sua posição, pronta a lançar em terra as tropas da 12ª brigada, as de Flores e Paunero, só começando o desembarque, porém, no correr da noite.

• •

A missão da força anfíbia tinha sido brilhantemente cumprida; a resistência inimiga, como dissemos, não foi, à principio, muito vigorosa porque "Lopez supunha ainda que o movimento dos transportes era um estratagemma, e que o grosso do exército aliado estava pronto para desembarcar perto de Itapiru ou mais acima, em frente a Itati, ponto que os aliados haviam reconhecido duas vezes". Confirma-se o que já havíamos assinalado: a conduta dos grupos-tarefa de reconhecimento havia desorientado por completo o Ditador guarani.

### TERCEIRA FASE: A CONSOLIDAÇÃO

Firmada a cabeça de praia, sua ampliação se processa com segurança, apesar da desesperada resistência que lhe opõem as forças que ocupam as fortificações de Itapiru e de campo entrincheirado de Passo da Pátria sob o comando do próprio Lopez.

Os acontecimentos se precipitam quase vertiginosamente.

A 17 já se abre um segundo ponto de desembarque, na margem direita do Paraná, abaixo de Itapiru, por onde são lançadas tropas de infantaria brasileira e argentina.

A 18, Itapiru é ocupado e a 2ª divisão da esquadra inicia o bombardeio de Passo da Pátria, postando-se entre a ilha de Santana e a margem direita do Paraná. Esse bombardeio prossegue no dia seguinte, obrigando Lopez "atorado pelo bombardeio da esquadra" a retrair-se para o norte, seguido de Resquin com o grosso das tropas. Na madrugada de 23 de abril o Passo da Pátria é abandonado e queimado. Finalmente, a 27, todo o exército ali está acampado.

A força anfíbia cumprira sua missão; a tapasão fôra lançada com o sucesso que era de esperar do cuidadoso, detalhado, inteligente planejamento que a precedera, e sua bem coordenada execução.

• •

Pensamos ter demonstrado a tese que nos propuseramos. O planejamento de qualquer das operações anfíbias da última guerra parece ter sido inspirado no estudo da passagem do Paraná, na ocupação de Passo da Pátria. Os generais de 1866 nada teriam a aprender com os de hoje; êstes é que poderiam ter recebido sábias lições daqueles.

É pois, merecidíssima a veneração que tributamos aos nomes de Osório e Barroso, Caxias e Tamandaré, e justíssimo o orgulho de os ter como nossos patronos.



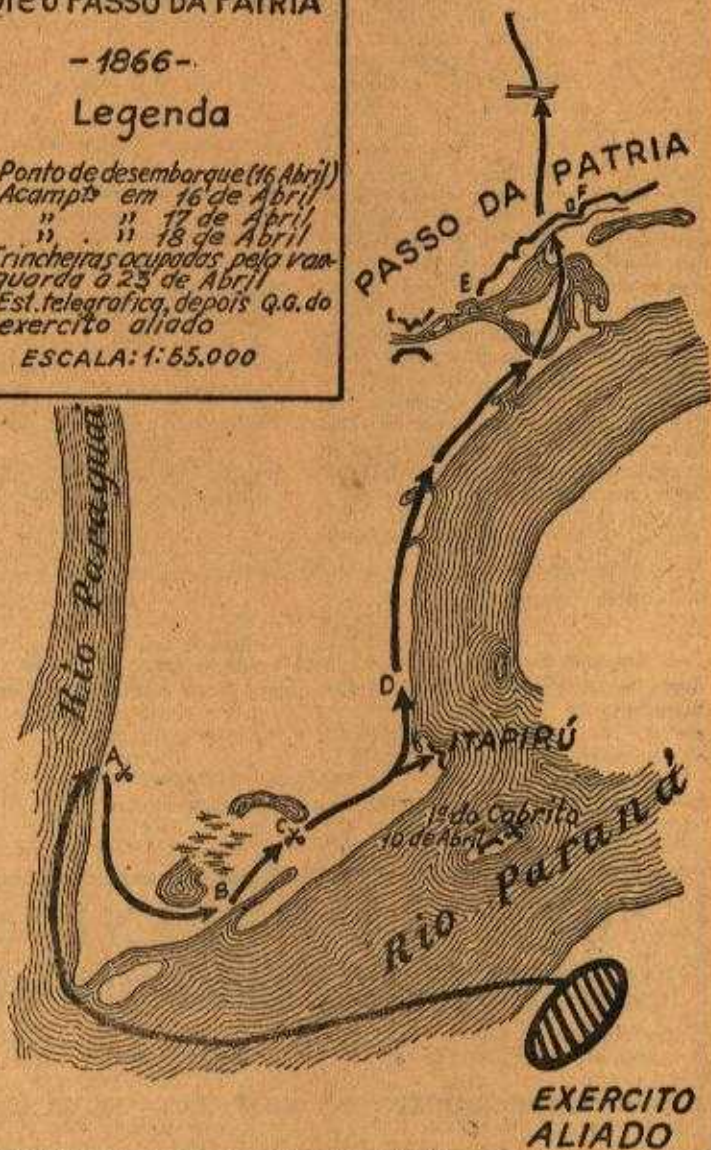
Marcha do exercito aliado  
sobre o PASSO DA PATRIA

- 1866 -

Legenda

- A- Ponto de desembarque (16 Abril)
- B- Acampamento em 16 de Abril
- C- " " 17 de Abril
- D- " " 18 de Abril
- E- Trincheiras ocupadas pela vanguarda a 23 de Abril
- F- Est. telegrafica, depois q.a. do exercito aliado

ESCALA: 1:55.000



EXERCITO  
ALIADO



24 de maio e 25 de agosto são datas sagradas do Exército, como 11 de junho e 13 de dezembro o são da Marinha.

Não temos, porém, no calendário militar, um dia comum de exaltação cívica. No entanto, aí está o 16 de abril, a pedir que seja tirado do olvido em que quase jaz, pois relembra a unidade magnífica de esforços, a íntima ligação espiritual de Tamandaré e Osório, Alvim e Carlos de Carvalho, Sampaio, Argôlo e Rodrigues da Costa e Mamede Simões; em síntese: Exército e Marinha. Efeméride que clama pela sua consagração como "dias das forças armadas", envolvendo neste conagraamento a nossa irmã mais moça mas já tão cheia de glórias, a Força Aérea Brasileira.

E de nenhuma tribuna mais alta poderá ser lançada esta idéia; terreno mais propício não será possível encontrar para acolhé-la, do que a Escola de Estado-Maior. Desapareça a voz da marinha que se prevalece desta oportunidade para fazer tão alta sugestão.

Receba a idéia de sacração do 16 de abril, o movimento de impulsão necessário desta Escola que não distingue fardas, para que ela se propague pelo Exército, pela Aeronáutica, pela Marinha, e culmine no reconhecimento e proclamação dessa data, como a efeméride máxima de exaltação patriótica:

O "dia das forças armadas".

#### BIBLIOGRAFIA

"O desenvolvimento da tática anfíbia na Marinha dos Estados Unidos" pelo Tte. General Holland Smith, U. S. M. C.

Tasso Fragoso — "História da guerra entre a Triplíce Aliança e o Paraguai".

Garmendia — "Campanha de Corrientes y de Rio Grande".

Henrique Boiteux — "A passagem do Rio Paraná".

Danton Teixeira — "Resumo da Guerra do Paraguai".

"A obediência pronta deve ser mais bem recompensada que as ações brilhantes e perigosas."

\* \* \*

"Quando o que pode impunemente ser violento ou injusto sabe moderar-se, os menos poderosos não ousam fazer abertamente violências e injustiças."

\* \* \*

"Um exército numeroso e confiante é inabalável, mas se começa a medrar nele o medo é pior que um pequeno exército."

## OFICINA MECÂNICA

REFORMAS DE AUTOS EM GERAL — PINTURAS, CAPOTAS  
E ESTUFAMENTOS — CONSERTOS DE BATERIAS DIVERSAS

Umberto Ambrosi

RUA MAJOR ANICETO DO VALE, 88 — NOVA IGUAÇU

ESTADO DO RIO